

Memória do
Seminário

Crise

e **re**configurações
no âmbito
do **Sistema-Mundo**

“Os sistemas têm vida. Nenhum sistema dura para sempre. (...) E nós somos um sistema. É o chamado Sistema-Mundo moderno. Foi um sistema bem sucedido, mas atingiu o limite das suas possibilidades”

Immanuel Wallerstein

CIDAC

15 e **16** de **fevereiro** 2013, Lisboa

Índice

| | |
|---|------------------|
| Introdução | página 3 |
| Análise do sistema-mundo | página 5 |
| Crise estrutural e bifurcação; possibilidades futuras .. | página 8 |
| Movimentos sociais | página 10 |
| Críticos do sistema-mundo | página 12 |
| Hegemonia no sistema-mundo | página 13 |
| Crescimento como objectivo | página 14 |
| Análise da situação actual em várias vertentes | página 15 |
| Conclusões | página 18 |
| Notas | página 20 |

Autoria: Andrea Duarte

Edição: CIDAC

Esta edição faz parte da produção de materiais no âmbito do projeto “Contraponto – leituras plurais do mundo, os modelos de desenvolvimento em questão” promovido pelo CIDAC – Centro de Intervenção para o desenvolvimento Amílcar Cabral e co-financiado pelo Camões - Instituto da Cooperação e da Língua e apoiado pela fundação Calouste Gulbenkian e pelo Jornal Publico.



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



Licença Creative Commons: BY-NC-ND



Introdução

Com o propósito de desconstruir junto do grande público questões globais do desenvolvimento e promover posturas activas de cidadania, aprendendo a ler a realidade para intervir nela, o projecto ‘*Contraponto – Leituras plurais do mundo, os modelos de desenvolvimento em questão*’, impulsionado pelo CIDAC - Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral, iniciou em 2012 uma série de iniciativas destinadas a estimular o pensamento crítico e a acção cidadã transformadora através do conhecimento e do debate colectivo das propostas de pensadores reconhecidos internacionalmente.

No seguimento da estada em Lisboa do professor Serge Latouche (em fevereiro de 2012) e do investigador David Sogge (em novembro de 2012), realizaram-se no Centro de Recursos para o Desenvolvimento do CIDAC, nos dias 15 e 16 de Fevereiro de 2013, duas sessões do Seminário “*Crise e reconfigurações no âmbito do Sistema-Mundo*”, com o sociólogo Immanuel Wallerstein, daqui por diante referido como o Seminário.

Immanuel Wallerstein é o autor de diversos livros e artigos sobre a análise do sistema-mundo, uma teoria que o próprio define como um “*protesto contra questões negligenciadas e epistemologias enganadoras*”¹. O autor de “*World-System Analysis*” (quatro volumes, dois dos quais editados em português²) defende que “*se queremos avançar na direção de um mundo que é substantivamente racional, no uso que Max Weber deu a este termo, não podemos negligenciar nem o desafio intelectual nem o político. E não podemos segmentá-los em dois contentores hermeticamente fechados. Podemos apenas lutar, com muito esforço, para nos aproximarmos simultaneamente de cada um deles*”. A análise do sistema-mundo capitalista, que sobrevive desde cerca de 1500 até hoje e que está, segundo Wallerstein, numa crise estrutural que vai ditar a sua destruição tem de ser, assim, realizada numa perspectiva histórica, sociológica, económica, política, cultural e interventiva. “*Concentrei a minha energia na descrição do funcionamento histórico e do desenvolvimento do sistema-mundo moderno, o qual, insisti, é uma economia-mundo capitalista. Tentei descrever os seus pilares institucionais, a sua origem histórica e as razões porque eu pensava que tinha entrado num período de crise sistémica e, portanto, de transição caótica para uma nova ordem. Procurei produzir descrições analíticas das principais estruturas institucionais desta economia-mundo capitalista - os ciclos de Kondratieff, as cadeias de bens de consumo, os agregados de acumulação de rendas, o sistema inter-estatal e os seus ciclos hegemónicos, e a geocultura - bem como uma crítica detalhada de porque tanto o desenvolvimento nacional como o desenvolvimentismo como modelo de explicação (teoria da modernização) são ilusões*”, resume Wallerstein. O Seminário abordou estas questões, mas focou-se especialmente na hipótese da crise estrutural e da bifurcação:

“os sistemas históricos têm vidas”, que passam pelo seu nascimento, desenvolvimento e morte. O sistema-mundo capitalista aproxima-se do seu fim, vindo de uma crise que, segundo Wallerstein, começou nos anos 1970 e está a chegar agora ao caos que precede uma escolha fundamental: que outro sistema se seguirá a este? “*Em vez de uma batalha entre dois lados pelo sistema sucessor, prevejo uma luta em três fases: uma entre os dois grandes campos e uma segunda dentro de cada campo. Esta é uma situação muito confusa, moral e politicamente; o resultado final é fundamentalmente incerto*”, escreve Wallerstein num artigo³ em que define os tais dois campos, que apelida de “*espírito de Davos*” (representando os poderosos do mundo) e de “*espírito de Porto Alegre*” (relacionado com as pessoas que querem um sistema, mais igualitário e democrático).

Integrada também no projecto “*Contraponto*”, tinha sido realizada, no dia anterior ao Seminário, uma Conferência de Immanuel Wallerstein, na Fundação Calouste Gulbenkian, que contou com uma assistência de 225 pessoas e foi transmitida em direto via internet.

Os 20 participantes que se encontraram no Seminário responderam com entusiasmo ao modelo de intervenção proposto por Immanuel Wallerstein: já que o académico tinha falado duas horas sobre a análise do sistema-mundo capitalista no dia anterior, na Conferência, seguir-se-ia um programa de perguntas e respostas. Para o efeito desta *Memória*, as perguntas e respostas foram organizadas por temas, seguindo algumas das linhas de pensamento do autor.

Nas palavras do moderador do Seminário e membro da equipa do CIDAC, João Azevedo, a organização “trabalha em Educação para o Desenvolvimento, o que passa muito pela sensibilização não só para a realidade que nos rodeia, como para outras formas de a pensar. É nesse âmbito e no quadro do projecto de Educação para o Desenvolvimento ‘*Contraponto – Leituras plurais do mundo, os modelos de desenvolvimento em questão*’ que esta iniciativa se desenvolve a partir da ideia de trazer ao público diferentes perspectivas e diferentes maneiras de analisar o mundo em que vivemos.”

O Seminário foi precedido de três sessões de um Círculo de Leitura, onde se analisou a obra “*World-System Analysis – an Introduction*”, de Immanuel Wallerstein tendo estado presentes quase todos os participantes do Seminário.

O jornal *Público* publicou a entrevista que fez ao professor Wallerstein na revista P2, no dia 17 de março de 2013⁴.

A próxima iniciativa do projecto ‘*Contraponto*’ integrará, no 2º semestre de 2013, um novo ciclo de atividades – Círculo de Leitura, Conferência e Seminário, publicação de uma entrevista - com um convidado internacional e temas ligados a análises alternativas da sociedade em que vivemos.

Análise do sistema-mundo

A análise do sistema-mundo capitalista permite debater questões como os impostos ou a cultura numa perspectiva diferente e refrescante. Depois das três sessões do Círculo de Leitura e da Conferência com Immanuel Wallerstein, as dúvidas dos participantes no Seminário debruçaram-se sobre tópicos como os custos de produção, o papel e o poder das empresas transnacionais e os sistemas anteriores.

Uma das primeiras perguntas dirigidas a Immanuel Wallerstein questionava o historicismo da sua análise. Tal como tinha sido visto numa das sessões do Círculo de Leitura, Wallerstein defende que os custos de produção têm vindo a aumentar, causando uma redução dos lucros⁵. Tal foi contestado, com um participante a sugerir que a taxa de lucro tem, na realidade, vindo a aumentar nos últimos anos e a taxação sobre as empresas a diminuir drasticamente. Wallerstein respondeu que isso era verdade se a unidade de análise fosse reduzida às últimas décadas, ou a um país. *“Maurice Dobb insistiu que havia algo chamado Inglaterra e algo chamado França, e essa era a unidade de análise, e que se a região do Mediterrâneo tivesse uma influência, essa seria externa”,* começou por dizer. *“Estas unidades de análise são uma não-questão para mim”,* continuou. *“A taxa de lucro decrescente, apenas posso analisá-la do ponto de vista do sistema-mundo. Assim, a actividade produtiva está a cair – o que torna menos produtivo para um capitalista produzir”,* disse. *“A razão é que todos os mecanismos que baixavam o custo de produção subiram e tentei explicar isso ontem [na Conferência], ao mesmo tempo que a quantidade de valor acrescentado se manteve estável, no que chamo de assíntota”,* acrescenta, o que *“se combina com uma queda no consumo efectivo”*. A questão está de facto em que *“temos realmente uma taxa de lucro decrescente, mas não tem estado a cair desde 1600 ou 1700 ou 1800. Mas tem estado a cair desde os anos 1970 e de uma forma muito acentuada”*.

Uma resposta similar assumiu destaque em relação à questão dos impostos. Estão a aumentar ou a diminuir? *“O neo-liberalismo, através do Consenso de Washington, está a realizar um grande ataque a nível dos salários, do ambiente, apelando [ao mesmo tempo] à redução dos impostos sobre as grandes empresas – e foram bem sucedidos em todos os três”*. No entanto, *“os impostos hoje são mais altos do que eram em 1500, embora sejam mais baixos se falarmos de um período anterior a 1970. As pessoas têm tendência para olhar apenas a partir dos anos 1970 até hoje, e os impostos, aí desceram, mas se olharmos [retrospectivamente] até 1700, 1800”,* o cenário é diferente. Na análise do sistema-mundo, sublinha Wallerstein, *“é preciso ver mais longe, ir pelo menos desde antes de 1945 até hoje”*.

Outra questão de um participante no Seminário apontava para o papel da cultura na análise do sistema-mundo. Wallerstein respondeu que a cultura, tal como outros fenómenos sociais, tem de ser estudada de forma integrada.

“No século XIX, um certo número de disciplinas emergiram como estruturas de conhecimento. Há o exemplo da História”. Nessa altura, *“o que preocupava as pessoas era como chegar ao conhecimento”*, assegura Wallerstein. Nesse sentido, *“a única forma de estudar o passado era através de documentos [da época em estudo], como cartas de embaixadores escrevendo ao seu rei, etc., o que era altamente político”*. No entanto, acrescenta, *“os Estados queriam resolver os problemas do presente”*, daí terem sido criadas a *“economia, a ciência política e a sociologia, cada uma tendo criado a sua própria área”* de estudos. Resumindo, *“para o passado, tínhamos apenas uma ciência, para o presente havia três – o que deriva da ideologia liberal”*. Wallerstein resume: *“os economistas disseram que iam estudar o mercado ceteris paribus, ou seja, tudo o mais sendo constante”, “os cientistas sociais disseram mais ou menos a mesma coisa” e “a sociologia queria estudar a cultura”*. Com a *“pressão política da Revolução de 1968, muitos insistiram em analisar a cultura, afirmando que a cultura era a base”*. Em relação à análise do sistema-mundo, porém, *“o que dizemos é que não há divisão”*, conclui Wallerstein. Ou seja, *“o que se passa no mercado depende do que se passa politicamente e culturalmente, são uma série de processos únicos e inter-relacionados”*.

O papel das grandes empresas, das transnacionais, é ignorado pela análise do sistema-mundo? Não há demasiada ênfase nos Estados e no sistema inter-estatal? Estas foram duas questões de um participante no Seminário que provocaram algum debate. Wallerstein sublinhou que *“as grandes empresas só podem governar o mundo se tiverem o apoio dos Estados”*. A sua tese é que *“há a criação de quase-monopólios na área das empresas e na área das hegemonias”*. No entanto, *“se não existirem ambos, a ordem vai interferir com a infinita acumulação do capital”*. Observou que *“esse é o ponto forte do capitalismo – se alguém se sentasse a criá-lo, não estaria melhor feito”*. Além disso, disse *“a chave para o capitalismo é sempre parcial: por exemplo, o mercado não completamente livre. E todos estes elementos estão a resultar há muito tempo: tem havido uma significativa acumulação de capital por um pequeno grupo de pessoas e até se tem permitido alguma mudança tecnológica”*.

Voltando um pouco atrás na análise do sistema-mundo, uma pergunta dos participantes dirigiu-se à origem e mudanças de sistemas anteriores e dos períodos de alternância entre eles. *“Há dois tipos de sistemas-mundo: uma economia-mundo (que envolve Estados, uma rede interestadual e uma economia” e “um império-mundo (como o Império Romano, o Império Ming, ou o Império Otomano)”*, para além de um outro tipo, *“os minissistemas, que são muito vulneráveis”*. E continua: *“se olharmos para 10 mil anos de História humana, vê-se os impérios-mundo a engolir os minissistemas, [depois, sucessivamente] a expandir-se, a ficarem mais fracos, a perderem o controlo a partir do centro”*. *“A unidade forte aqui é a palavra império, mas nenhum deles alguma vez tomou o mundo inteiro”*, destaca Wallerstein.

“O que aconteceu depois de 1500 foi que o sistema feudal (que era uma espécie de império-mundo) não foi engolido, transformou-se numa economia-mundo – o que aconteceu primeiro na Europa no século XVI, se expandiu para a América e, lentamente, para o mundo”. Esta economia-mundo teve o poder de “engolir impérios-mundo (como a Rússia) e, finalmente, no século XIX, há apenas um sistema-mundo no mundo: aquele que está agora numa crise estrutural”.

Relativamente a mudanças, a de agora abre a *“possibilidade de um governo mundial; ou da explosão de um par de bombas nucleares; ou podemos evoluir para múltiplos sistemas”*, tudo está em aberto. *“Havia outros tipos de sistemas antes de 1500, mas de repente surgiu esta coisa [o sistema-mundo capitalista] que sobreviveu”* até hoje. Mas mudar de um sistema para o outro não é algo pacífico, nem imediato ou certo. *“Quando o sistema feudal entrou em crise, uma alternativa era que fosse engolido por um império-mundo, em vez de evoluir para este sistema-mundo capitalista, mas o mundo tomou este caminho em vez daquele caminho”.*

Por fim, uma pergunta dos participantes do Seminário questionou o conceito de globalização⁷ na análise do sistema-mundo. Wallerstein considera que *“o que as pessoas querem dizer quando falam de globalização é que os padrões de produção cruzam agora fronteiras em todo o mundo, ou seja, dizem que há mais pessoas envolvidas na produção e que isto é eterno”*. O que a análise do sistema-mundo diz é *“que o mesmo que se diz acerca dos carros hoje era similar ao que acontecia com a construção de navios em Amesterdão no século XVII e que não é eterno; isso é propaganda”*. Para o académico, aquela visão *“implica que isto começou agora [no século XX], mas não começou, as pessoas é que só agora falam acerca da globalização. É muito um ponto de vista económica clássica acerca de um processo natural e eterno, pelo qual mais e mais pessoas estão a passar”*, conclui.

Crise estrutural e bifurcação; possibilidades futuras

Na análise do sistema-mundo, Wallerstein defende que este sistema-mundo capitalista entrou numa crise estrutural e se encontra num ponto de bifurcação, após o qual o que pode surgir é ainda uma incógnita. As questões levantadas pelos participantes - que concordam, na sua maioria, com a hipótese da crise estrutural – visaram esclarecer os limites e os efeitos desta crise, mas também o futuro que se abre após o seu fim.

Será que a crise actual começou agora ou faz parte de algo mais vasto?, foi uma das perguntas. *“Para mim, a crise real começou nos anos 1970”*,⁸ argumenta Immanuel Wallerstein. *“Os capitalistas que deixaram de conseguir ganhar suficiente dinheiro na produção mudaram para o sector financeiro, o que implica deixar as pessoas com dívidas”*, explica. Como contextualização histórica, Wallerstein lembra que *“em 1973, tivemos a chamada crise da subida do petróleo da OPEC [Organization of the Petroleum Exporting Countries]. Subitamente, os países da OPEC tinham uma grande quantidade de dinheiro que gastaram nos seus países, mas que também depositaram em bancos alemães e dos EUA”*. Além disso, os outros Estados *“não tinham dinheiro para comprar petróleo”* àquele preço. Mas outra consequência significativa desta crise foi que *“os bancos [alemães e dos EUA] começaram a visitar a América do Sul e a África e a dizer ‘não gostariam de ter um empréstimo?’ e estes aceitaram. Em seguida, em 1982, temos o México a dizer que não consegue pagar. O mundo começou a falar de uma crise da dívida subitamente em 1982, mas na verdade esta começou em 1980, na Polónia. Só que a Polónia decidiu aumentar a pressão sobre a classe trabalhadora, o que levou ao movimento Solidariedade e a Gdansk. Nos anos 1980, o dinheiro foi emprestado a pessoas que o usaram para desmantelar as indústrias e as vender a um preço baixo. Nos anos 1990, começaram os empréstimos aos consumidores. E, depois, os empréstimos imobiliários”*, conclui Wallerstein. *“O que aconteceu em 2008 é que subitamente as pessoas aperceberam-se de que era tão visível, de que mesmo os maiores economistas não sabiam como o sistema estava a funcionar”*, relata. De facto, o que se passava no mundo financeiro era que *“ia-se de bolha em bolha e é por isso que estamos neste problema”*, lembrando que mesmo economistas como Paul Krugman admitem hoje isso⁹. Resumindo, Immanuel Wallerstein comenta que *“o capitalismo acaba sempre por esgotar as virtudes do que tem”*. Frisa ainda que o termo *“crise era usado nos anos 1970 e agora foi redescoberto”*. Para terminar, sublinha que *“estamos numa crise estrutural e não vamos sair dela a menos que escolhamos entre uma alternativa ou outra”*.

Desenvolvendo mais este tema, em resposta a uma pergunta sobre a duração da crise estrutural, Wallerstein afirma que *“estamos numa crise estrutural, uma das suas características sendo grandes oscilações – aquilo a que chamamos bifurcação”*.

O capitalismo não pode sobreviver. Há duas possibilidades diferentes. Aqueles que têm poder e privilégios no mundo querem outro sistema, a que eu chamo o espírito de Davos. Outras pessoas querem um sistema que seja relativamente (digo relativamente porque completamente é impossível) mais igualitário e relativamente mais democrático, a que eu chamo o espírito de Porto Alegre". Respondendo à questão, Wallerstein afirma que "daqui a 20 ou 40 anos, tudo estará resolvido". Mas em que sentido? "As pessoas do espírito de Davos podem tentar reprimir pela força as pessoas ou tentar cooptá-las para um sistema pseudo-meritocrático". Por outro lado, "o espírito de Porto Alegre também pode determinar" o futuro. "Nada será estável durante alguns anos, contudo", avisa. Como exemplo, Wallerstein cita "a Revolução Francesa, quando muitas das estruturas do que nós chamamos feudalismo continuaram durante anos".

Por um lado, há pessoas como Warren Buffett, como mencionou um participante, que usam a filantropia como proposta de solução para os problemas do mundo. "Buffett é um indivíduo muito bem sucedido, tanto na forma como lida com os seus investimentos, como na reputação que tem de ir contra a maré", diz Wallerstein. "A sua atitude perante o mundo é que os capitalistas deviam ajudar: considera que é importante taxar os ricos¹⁰, entrega muito do seu dinheiro à Fundação Gates. Contudo, Buffett, [Bill] Gates, [George] Soros, estas são pessoas que tentarão cooptar outros para um novo sistema, mas ainda quererão continuar a ganhar muito dinheiro". Há outros, como "o vice-presidente [Dick] Cheney e outros que preferem a solução de 'dar-lhes pancada com força até vencermos'. Provavelmente, avalia Wallerstein "a solução de Buffett é uma boa opção" para atingir os seus objectivos.

No entanto, sublinha, "quando estamos numa crise estrutural, um pouco de energia pode ter um grande efeito". Ou seja, "hoje, se queremos estar activos, podemos ter um grande impacto", referindo-se ao que se chama o "efeito borboleta"¹¹. Numa nota optimista, acrescenta que "somos todos pequenas borboletas, agora, estamos a bater as asas na nanoesfera, em todas as direcções". Mas, diz "o progresso inevitável [um conceito marxista] é uma ilusão". Avisa que "podemos acabar num mundo pior do que este – mas a contribuição de todos é importante, portanto o que temos de debater é em que direcção bater as nossas asas".

Ainda sobre o conceito de crise estrutural, foi mencionado pelos participantes o nome de Giovanni Arrighi¹² que via esta crise apenas como uma mudança de potências hegemónicas, e não como o fim do sistema mundo capitalista. Segundo Wallerstein Arrighi "traça um sistema-mundo mais longo do que eu e vê as alternativas a ganharem poder através da expansão do Estado e da economia". Os dois autores discutiram o tema da crise estrutural e Arrighi "não acredita que estamos numa crise estrutural por agora, mas seria difícil apanhá-lo a dizer as palavras 'por agora'". No entanto, Wallerstein considera este académico "parte da família" no que toca à análise do sistema-mundo.

Movimentos sociais

As questões dos participantes no Seminário acerca dos movimentos sociais, um tema explorado por Immanuel Wallerstein na sua obra¹³, tomaram um carácter prático. A análise do sistema-mundo e a sua visão sobre os movimentos anti-sistémicos permite entrever respostas a problemas que se põem a quem integra as lutas actuais.

Em resposta a uma questão dos participantes sobre os movimentos sociais hoje, Wallerstein declara que *“os poderosos do mundo têm muitas vantagens, dinheiro, exércitos, inteligência (que podem comprar com dinheiro)”*, mas também eles *“estão divididos quanto ao que fazer”*. Há a questão de *“se a violência realmente resulta”*. Enquanto alguns continuam a seguir essa via, outros *“dizem que tem de se viciar o espírito de Porto Alegre, com coisas como o ‘green capitalism’, a meritocracia,...”*.

Os movimentos sociais também têm escolhas a fazer. *“Certamente no curto-prazo temos problemas reais - quase toda a gente vive no curto-prazo, as pessoas pedem soluções para lidar com os seus problemas”*, daí que os movimentos tenham de fazer *“o seu melhor para minimizar a dor”*. Contudo, *“temos simultaneamente de convencer as pessoas a médio-prazo a mudar as políticas”*, assinala.

Um dos temas mais discutidos do Seminário foi o desemprego e os movimentos sociais de desempregados. Vários participantes dirigiram a Immanuel Wallerstein questões sobre este tópico, que se desenvolveu numa conversa sobre o estado actual da Europa e do mundo. *“Os números reais do desemprego não estão apenas muito altos, estão também a crescer”*, começou por dizer Wallerstein. *“Os desempregados são um número que está a crescer, mas também temos de distinguir há quanto tempo se está desempregado”*. Quando estão desempregadas há pouco tempo, *“as pessoas têm tendência para procurar outro emprego”*, mas *“quando se atinge um ponto em que já não conseguem aguentar, isso tem um grande impacto psicológico”*.

Há, nos movimentos de desempregados, *“uma questão prática: como juntá-los, porque são muito diferentes, e isso tem de ser feito localmente.”* Além disso, é preciso *“encontrar soluções em paralelo”*, como por exemplo: *“parece-me muito importante organizar estas pessoas também com outras organizações, como os sindicatos”*. Por outro lado, *“o desemprego afecta mais as mulheres do que os homens”*, podendo fazer sentido uma ligação *“às organizações feministas”*. Num *“quadro geral”*, Wallerstein nota que *“o que se está a passar é que aqueles que têm trabalhos a tempo parcial e queriam ter trabalhos a tempo inteiro também estão desempregados, os desempregados são uma grande e crescente parte da população e aqui há dois perigos: que eles se desliguem da sociedade ou que sejam atraídos para grupos de extrema-direita”*, que capitalizam o factor do medo da imigração. *“É perigoso não organizar os desempregados”*, conclui Wallerstein.

Outra pergunta sobre os movimentos sociais de desempregados e os sindicatos levou Immanuel Wallerstein a lembrar que “os sindicatos têm dois problemas: os seus membros esperam que estes os defendam e os próprios sindicatos criam burocracias”. Por outro lado, “os sindicatos, por vezes, querem expandir-se. *E havia um conceito de sindicato no final do século XIX que incluía os trabalhadores e os desempregados*”. Em conclusão, admite que “*tem de ser feita uma actividade de educação com [os sindicatos], o que eu penso que é difícil, mas não creio que seja inútil*”.

Ainda sobre os desempregados, qual seria a unidade de análise a estudar nesta questão?, foi outra pergunta. O problema abriu espaço para referir a metodologia da análise do sistema-mundo. “*Qualquer que seja a forma de olhar para a questão empiricamente, pode ser uma área da cidade, Lisboa inteira*” ou até uma zona maior, “*a quantidade de trabalho é a mesma*”, explica Wallerstein. “*Todos olhamos para pequenas unidades de análise, porque de que outra maneira podemos explicar as coisas?*”. Por exemplo, “*Napoleão a retirar o seu exército de Moscovo*” pode ser visto como uma expansão excessiva do seu império-mundo, mas também pode ser analisado ao pormenor: a política sobre os casacos dos soldados, o facto de terem esgotado todos os seus recursos alimentares, etc., que no fundo são indicativos daquela mesma expansão excessiva. “*Além de entrevistas extensivas com pessoas desempregadas, há que considerar a expansão a nível mundial do desemprego ao longo dos anos, para dar uma resposta útil que tome em conta o quadro geral*”, determina Wallerstein.

Críticos do sistema-mundo

A análise sistema-mundo enfrenta críticos à esquerda e à direita, algo que foi mencionado no Seminário. Nas referências bibliográficas de “*Análisis de Sistemas-Mundo una introducción*”, de Immanuel Wallerstein¹⁴, o autor deixa uma lista dos seus críticos, explicando as discrepâncias entre as várias teorias. A maioria são expostas em artigos, e não em livros, refere.

Face a uma pergunta colocada durante o Seminário sobre as críticas feitas à análise do sistema-mundo, Immanuel Wallerstein refere uma introdução que escreveu recentemente para a nova edição da sua obra “*The Modern World-System IV - Centrist Liberalism Triumphant, 1789–1914*” (ainda não editada em português). “*Penso [nos críticos] em quatro categorias: os que se definem como marxistas (que contestam a ideia de unidade de análise, insistindo que, se vamos observar a luta de classes, alguns países evoluíram para o capitalismo e outros não, o que nos leva ao debate Dobbs-Sweezy¹⁵); os críticos centrados no Estado (que defendem que os Estados têm outros objectivos e que isso tem de ser analisado separadamente); há uma terceira versão disto, que é centrada na cultura (que defende o conceito de narrativa); e os neo-liberais (que julgam que isto é no melhor dos casos jornalismo e no pior propaganda ideológica)*”, diz Wallerstein. “*Outras pessoas dizem que a análise está basicamente certa, mas que tem de ser emendada – em relação à localização geográfica onde começou, por exemplo*”, mas Wallerstein nota: “*ainda acho que o capitalismo é um conceito útil*”.

Hegemonia no sistema-mundo

O conceito de hegemonia é significativo na análise do sistema-mundo¹⁶, que nota que várias hegemonias se sucederam ao longo dos séculos. Neste momento, porém, assistimos à queda de uma hegemonia, segundo Wallerstein: a dos Estados Unidos, que durou quase todo o século XX. Os participantes no Seminário quiseram saber o que pensava o académico acerca da hipótese de novas hegemonias.

No actual sistema-mundo, ainda se notam os efeitos da hegemonia dos EUA, que dura desde o final do século XIX, segundo Wallerstein. “*O mero facto de os EUA já não serem o poder hegemónico não significa que dentro de 20 ou 30 anos exista uma nova hegemonia*”, avisou Wallerstein, adiantando que “*talvez em 2100*”. Contudo, “*muita da discussão acerca da China ser a nova hegemonia é pateta*”, comenta. “*Se o sistema capitalista fosse continuar, podia acontecer*”, continua. Zbigniew Brzezinski, antigo Conselheiro para a segurança nacional de Jimmy Carter, “*escreveu um artigo de opinião*¹⁷ onde diz que nem os EUA nem a China são poderes hegemónicos”. Há alguns anos, refere Wallerstein, “*houve uma tentativa da parte de George W. Bush de reafirmar a hegemonia dos EUA numa espécie de atitude de ‘macho’*”, mas “*apesar de os EUA terem o exército mais poderoso do mundo, nunca o podem usar, porque não resulta*”. Isto pôde ser observado no Iraque e no Afeganistão, exemplifica Wallerstein. “*É isso que significa já não ser um poder hegemónico*”. Houve um tempo “*em que os EUA podiam fazer as coisas à sua maneira. Um país é hegemónico quando consegue 90% do que quer 90% das vezes*”. Esse tempo, no entanto, já passou para os EUA. O que virá a seguir depende mais da crise estrutural e da bifurcação, das opções que os diferentes grupos vão tomar.

Crescimento como objectivo

Uma pergunta de um participante no Seminário sobre o conceito de 'crescimento zero'¹⁸ levantou algumas questões sobre o crescimento. “O ‘crescimento zero’ foi apresentado como um conceito” nos anos 1970. Os autores da teoria “diziam que havia demasiadas pessoas no mundo, que temos de controlar o crescimento no mundo não pan-europeu, senão não há suficiente para nós”, lembra Wallerstein. “No entanto, a questão põe-se aqui de outra forma: que o crescimento em si não devia ser o objectivo primário da actividade económica, o que se torna uma crítica aos governos de esquerda quando estes seguem políticas de crescimento”, opina. O final da actividade económica devia, então, ser o bem-estar da população, defende Wallerstein. Esse é um debate que está em curso nas “eleições no Equador”, quando Correa defende o crescimento económico enquanto Acosta faz campanha pelo ‘buen vivir’, com o apoio das populações indígenas”, segundo Wallerstein¹⁹. “Trata-se de fazer o que é possível para maximizar [a economia] sem perturbar as necessidades da Terra”, explica Wallerstein, acrescentando que “temos de avaliar as vantagens e desvantagens de cada tipo de crescimento”. Se parece óbvio que “todos gostaríamos de ter o máximo”, é preciso não esquecer que “o que precisamos é de algum tipo de distribuição igualitária e isso não é possível no sistema capitalista”. Resumindo, “o crescimento como único objectivo é uma péssima ideia”.

Análise da situação actual em várias vertentes

Desde o fim do euro, ao dólar enquanto moeda de reserva e à situação política na Tunísia e no Egipto, a curiosidade dos participantes no Seminário cobriu diversos assuntos. Immanuel Wallerstein utilizou a análise do sistema-mundo para divulgar a sua visão sobre os fenómenos actuais.

Houve várias perguntas sobre a austeridade que afecta vários países. O caso de Portugal é emblemático, mas não é o único, lembra Wallerstein. *“O Banco Central Europeu está a actuar, mas eu não subestimaria a austeridade [vivida em todo o mundo], por exemplo, as muitas pessoas que estão a viver na pobreza nos EUA, onde há o problema do acesso aos cuidados de saúde”,* ao contrário do que acontece em Portugal. *“Não vejo que o patamar dos 20% mais pobres nos EUA vivam melhor do que o patamar dos 20% mais pobres em Portugal”,* opina.

Outro tópico de discussão foi a afirmação do dólar enquanto moeda de reserva e a possibilidade do final do euro. Aqui, Wallerstein afirmou que *“o que eu disse sobre o dólar ser uma moeda de reserva, que o tem sido desde 1945, tem duas vantagens: uma é que é uma vantagem para o mundo, em termos de segurança para todo o mundo, e, em segundo lugar, é uma segurança para os Estados Unidos”.* No entanto, o sociólogo e académico diz: *“prevejo que não daqui a muito tempo o dólar deixará de ser a moeda de reserva. Vivemos num mundo com várias moedas de reserva, entre 8 a 10 (o dólar, o euro, o iene, o real,...). Quem sabe o que vai acontecer à moeda daqui a dois anos? Isto faz parte da crise estrutural”,* conclui. *“O euro”,* porém, *“tem problemas internos. Há um debate acerca da Grécia e Portugal apertarem ainda mais os seus cintos, ou sobre a Alemanha ajudar mais”,* lembra. Mas, *“será que [o euro] vai acabar? Não! Porque não seria a Grécia a perder, seria a Alemanha. E a senhora Merkel é uma dirigente política muito inteligente”,* acrescenta, aproveitando para lembrar que já nem mesmo economistas como Joseph Stiglitz têm dúvidas de que o euro se salvará²⁰.

Em termos de sistema-mundo, este assunto está relacionado com a geocultura, no sentido em que o fim do euro *“seria muito mau para a Europa vis-a-vis os EUA, já que os EUA são vistos como uma espécie de parceiro sénior da Europa na relação com a Europa no sistema-mundo”.* Wallerstein comentou mesmo que *“creio que os europeus nunca ficaram muito felizes com esse estado de coisas – e se a Europa quiser reassumir-se culturalmente face aos Estados Unidos, é através do euro”.* Aliás, disse ainda, *“há dois tipos de eurocépticos hoje em dia: os da extrema-direita, nacionalistas, e alguns de esquerda, especialmente na Escandinávia, mas é uma tendência que julgo que não irá ganhar. Daqui a 10 anos, a União Europeia terá mais membros e mais pessoas”,* prevê.

Ainda acerca da Europa, surgiu uma questão sobre a possibilidade de um federalismo europeu, imitando o tipo norte-americano. Wallerstein respondeu que os Estados Unidos têm as suas particularidades, aliás, o sistema *“norte americano ainda está preso ao século XVIII [quando foi construído o seu federalismo] em muitos aspectos. Mas sim, parece uma ironia que o sistema federal norte-americano pareça ser e seja um modelo. Há outros sistemas quase-federais em evolução, como na Espanha ou no Reino Unido...”*, lembrou. Porém, é tudo uma questão de *“vontade política, podem inventar-se estas coisas. E há pessoas de extrema-direita [que defendem essa solução] a ter talvez 50% dos votos nalguns países e a pôr uma pressão enorme sobre os conservadores. Não está de todo decidido como vai acabar esta questão”*, declara.

Deixando a Europa, um participante questionou Wallerstein sobre a problemática de países como a Tunísia e o Egito e, nas suas palavras *“o crescimento do Islamismo radical”*. Immanuel Wallerstein considera que *“algo aconteceu na Tunísia em 2010, um comerciante vulgar imolou-se pelo fogo – e isso, em vez de passar despercebido, gerou um movimento que foi o movimento certo e que se espalhou. O movimento era constituído basicamente por jovens que denunciavam as autoridades locais, governamentais e globais”*. Um *“movimento local”* similar nasceu no Egito. *“Eu vejo isto como uma continuação de 1968”*, opina Wallerstein. *“Se se é uma pessoa de poder e não se gosta deste tipo de movimentos, há duas opções”*: uma é tentar *“correr com as pessoas à pancada”*. Contudo *“isso não resultou”*. Outra é juntar-se à revolução. *“Eles juntaram-se à revolução, primeiro o exército, depois a Irmandade Muçulmana. Isso pareceu resultar, durante algum tempo”*. O que se passou foi que *“a Irmandade Muçulmana começou a formar partidos na Tunísia e no Egito”*. Hoje, temos *“quatro forças políticas nestes países: a Irmandade Muçulmana que, a esquerda secular (que inclui estes grupos de jovens, etc.), os salafitas (da ala direita) e os que sobraram do antigo regime (que controlam a polícia)”*. Além disso, *“o que há são eleições e Constituições a ser escritas”*. Quem detém o poder é maioritariamente *“a Irmandade Muçulmana, que é maioritariamente de direita, socialmente conservadora, politicamente conservadora – e isso não é tão diferente dos movimentos de centro-direita na Europa”*.

Quanto à *“esquerda secular”*, Wallerstein comenta que *“os grupos seculares ainda estão numa atitude de 1968 e incluem grupos marxistas, outros grupos e grupos burgueses”*. Em resumo, *“essa é a realidade política agora: a Irmandade Muçulmana deve provavelmente ganhar as próximas eleições, mas não é impossível que os jovens se ergam de novo”*. Além disso, *“há obviamente uma série de organizações chamadas Al-Quaeda e uma das questões para a esquerda secular é o que fazer”*, seguindo um caminho de *“intervenção”* ou de *“transformação económica”*.

Para Wallerstein, *“este é um debate nos EUA e em França e certamente também no mundo Árabe”*. Ultimamente, *“a intervenção tem sido menos considerada como uma hipótese nos EUA”*. Após a guerra no Afeganistão, *“têm medo de que se retirarem, os taliban voltem”*.

Apesar disso, “*as vozes da intervenção são fortes e as vozes da prudência fracas – mas são mais fortes dentro do exército*” recentemente. Uma prova é a situação síria: “*ninguém entrou na Síria, a Síria está entregue a si própria*”.

Os chamados BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), “*estão a perseguir os seus interesses, que não são os mesmos de outras zonas periféricas*”, lembra Wallerstein em resposta a uma pergunta sobre a semi-periferia. Por exemplo, “*oferecem empréstimos numa base muito favorável, mas pedem em troca garantias por ‘commodities’*”.

Conclusões

Durante todo o Seminário, a participação das pessoas que compareceram a esta conversa com Immanuel Wallerstein foi muito activa. As perguntas sucediam-se, sendo possível tratar de temas tão diversos como as bases teóricas da análise do sistema-mundo ou os movimentos políticos actuais na Tunísia e no Egipto.

Immanuel Wallerstein e os participantes no Seminário discutiram a taxa de lucro das empresas e o aumento dos impostos durante a *longue durée* do sistema-mundo capitalista. Falou-se sobre a cultura e o objecto de estudo das ciências sociais, nascidas no século XIX. Debateu-se o poder das empresas transnacionais e Wallerstein sublinhou que estas “*só podem governar o mundo se tiverem o apoio dos Estados*”. Recordou-se a origem de outros sistemas, como os impérios-mundo e os minissistemas, e as suas evoluções e transformações. A discussão incluiu também o conceito de globalização, que Wallerstein considera ser uma característica do sistema-mundo capitalista anterior ao século XX.

As origens da crise estrutural do capitalismo e a sua evolução ao longo das últimas décadas foram outro tema de debate. Explorou-se a questão do momento actual de bifurcação e as possibilidades em aberto para o futuro que, segundo Wallerstein, dependem da participação de todos.

Além de questões mais gerais sobre os movimentos anti-sistémicos, a discussão sobre estes centrou-se no exemplo dos movimentos sociais de desempregados e nas acções possíveis para a sua organização, integrada num quadro geral de aumento do desemprego na Europa e nos EUA.

Ainda durante o Seminário, mencionaram-se algumas críticas à análise do sistema-mundo. Discutiram-se também os efeitos da hegemonia dos EUA, que durou praticamente todo o século XX e está agora em declínio, sem que seja possível prever que tipo de poder hegemónico se seguirá. Além disso, analisou-se o conceito de ‘crescimento zero’ e Immanuel Wallerstein, apesar de não concordar com aquela teoria, concluiu que “*o crescimento como único objectivo é uma péssima ideia*”.

Finalmente, debateram-se temas como a austeridade, a afirmação do dólar enquanto moeda de reserva e a possibilidade do final do euro, a situação política na Tunísia e no Egipto e o papel dos BRIC enquanto semi-periferia.

A análise do sistema-mundo, ao não compartimentar o saber e tentar abordar múltiplas questões sob uma perspectiva que não recorre apenas à História, à economia, à sociologia ou à ciência política, permitiu ter sobre todos estes assuntos uma discussão longe da clássica. O facto de visualizar também o sistema-mundo capitalista como algo que dura há cerca de 500 anos, mas que está agora em crise, abriu perspectivas interessantes de debate.

A crise estrutural estava nas mentes de todos os participantes, mas as saídas e o futuro do sistema-mundo foram das questões mais abordadas, o que permitiu a Wallerstein deixar a mensagem de que todas as acções das “borboletas” que nós somos, batendo as suas asas, podem “criar tufões”. O Seminário “*Crise e reconfigurações no âmbito do Sistema-Mundo*” contribuiu, assim, para aprofundar o conhecimento dos participantes sobre estes temas e para divulgar uma análise diferente do mundo em que vivemos.

1 Notas

¹ Da autobiografia intelectual de Immanuel Wallerstein, um texto muito ligeiramente adaptado da versão do ensaio introdutório ao “*The Essential Wallerstein*”, New Press, 2000.
<http://www.cidac.pt/files/1213/8321/8083/cidacTRADbiografiaWallerstein.pdf>

² Estão editados em português europeu os dois primeiros volumes.

³ “Structural crises”, de Immanuel Wallerstein, New Left Review, Março-Abril 2010,
<http://newleftreview.org/11/62/immanuel-wallerstein-structural-crises> (NT: em inglês, conteúdo pago)

⁴ A entrevista, conduzida por Miguel Gaspar e com fotografias de Enric Vives-Rubio, intitulou-se “O futuro da crise é a crise do futuro”, foi publicada pelo jornal Público a 17 de março de 2013 e pode ser consultada em:
<http://www.cidac.pt/files/8113/8321/7877/EntrevistaWallerstein.pdf>

⁵ De acordo com Wallerstein, na obra “Análisis de Sistemas-Mundo - una introducción” (Siglo Veintiuno Editores 2006), **[Este livro só está traduzido para o português do Brasil, edição que não está disponível online, pelo que se optou por usar a versão em castelhano]:** “necesitamos entender por qué se ha reducido el promedio mundial de ganancias. Para cualquier productor existen tres costos principales de producción. El productor debe remunerar al personal que trabaja en su empresa. El productor debe comprar los insumos para el proceso de producción. Y el productor debe pagar los impuestos que le imponen todas y cada una de las estructuras gubernamentales con autoridad para hacerlo durante el proceso de producción particular. Debemos examinar, a su vez, cada uno de estos tres costos y ver, en particular, por qué se han ido incrementando constantemente, sobre el longue durée de la economía-mundo capitalista. ¿Cómo decide un empleador cuánto pagar a sus empleados? Puede que existan leyes que fijen un salario mínimo. Existen, por cierto, en todo tiempo y lugar, salarios habituales, aunque éstos estén sujetos a una revisión constante. Básicamente, el empleador ha de ofrecer una cifra casi siempre inferior a la que al empleado le gustaría recibir. El productor y el trabajador negocian este punto; arguyen entorno de dicha cuestión en forma constante y repetida. El “os de tal negociación o lucha depende de la fuerza de cada facción, económica, política y cultural. Los empleados pueden fortalecerse durante el proceso de negociación si su capacitación no es común. Siempre existe un elemento de oferta y demanda para determinar los niveles del salario. O los empleados pueden fortalecerse porque se organizan en conjunto y realizan acciones sindicales. Esto se aplica no sólo a los trabajadores en la producción (tanto trabajadores calificados como no calificados) sino también al personal administrativo (tanto de nivel ejecutivo como de nivel medio). Esta es la parte interna de la cuestión de la fuerza económica de cada empresa productiva. Está también la parte externa. El estado global de la economía, en los ámbitos local e internacional, determina el nivel de desempleo y por lo tanto qué tan desesperado está cada segmento de la unidad productiva para llegar a un acuerdo sobre los salarios. La fuerza política deriva de una combinación de la maquinaria política y los arreglos en la estructura estatal, la fuerza de las organizaciones sindicales de los trabajadores, y el grado en (pie los empleadores necesitan asegurarse el apoyo de los gerentes y cuadros medios para mantener a raya las demandas de los trabajadores ordinarios. Y lo que denominamos fuerza cultural —los parámetros de la comunidad local y nacional— es con frecuencia el resultado de la fuerza política previa. En general, en cualquier área productiva, el poder sindical de los trabajadores tenderá a aumentar con el correr del tiempo, merced a la organización y la educación. Las medidas represivas pueden ser utilizadas para limitar los efectos de tal organización, pero entonces existirán costos asociados a ellas, quizá mayores impuestos, o mayores salarios para los cuadros, quizá la necesidad de emplear y remunerar a personal represivo. Si uno examina los más beneficiosos lugares de producción —firmas oligopólicas en sectores de punta— existe un factor adicional en juego, y es que las firmas altamente redituables no quieren perder tiempo productivo a consecuencia del descontento de los trabajadores. Como resultado, los costos de remuneración en tales firmas tienden a elevarse ingreso de tales personas en la fuerza de trabajo es un arreglo beneficioso para todas las partes: menores costos de producción para el empleador e ingresos más altos para los empleados. Los salarios son allí más bajos no sólo para los trabajadores no calificados sino también para los cuadros. Las zonas periféricas suelen ser menos costosas, con menos facilidades y los salarios de los cuadros se encuentran en consecuencia por debajo de las normas de las zonas centrales. El problema es que la fuerza política del empleador y de los empleados no está tallada en la roca. Evoluciona. Si en un principio los recientemente trabajadores urbanos tienen dificultades para ajustarse ae con el transcurso del tiempo, pero tarde o temprano estas mismas unidades de producción se enfrentarán a un aumento de la competencia y deberán por lo tanto limitar los incrementos de precio, lo cual resultará en un menor margen de ganancia. Existe sólo una medida importante para contrarrestar el constante aumento en los costos remunerativos: la “fábrica desplazada”. Al desplazar las fábricas a lugares en donde los costos de producción sean mucho menores, el empleador no sólo obtiene menores costos remunerativos sino que gana fuerza política en la zona donde la fábrica se está instalando parcialmente, puesto que los trabajadores existentes pueden estar dispuestos a aceptar tasas salariales más reducidas para prevenir una mayor “huida” de puestos de trabajo. Por supuesto, hay un aspecto negativo para el empleador. Si no lo hubiera, los lugares de producción se habrían desplazado mucho antes. Está el costo de la mudanza. Y en esas otras zonas, los costos de

transacción son normalmente más altos —por el aumento de la distancia a los eventuales compradores, por una infraestructura más precaria y por los mayores costos de "corrupción"—, es decir, remuneración no declarada a individuos no empleados. El balance entre los costos de remuneración y los costos de transacción se desarrolla de manera cíclica. Los costos de transacción tienden a ser la consideración primaria en épocas de expansión económica (fases Kondratieff A) mientras que los costos de remuneración son la consideración primaria en épocas de estancamiento económico (fases B). Aun así, uno debe preguntar por qué existen zonas de más baja remuneración. La razón de esto tiene que ver con el tamaño de la población no urbana en un país o región determinados. En dondequiera la población rural sea numerosa, existe una cantidad importante de personas que están parcialmente, o incluso en su mayor parte, fuera de la economía salarial. O los cambios en el uso de la tierra en las áreas rurales fuerzan a la población a desplazarse. Para tales personas, la oportunidad de un empleo asalariado en áreas urbanas representa un importante aumento en el ingreso total para la unidad doméstica de la cual son parte, aun cuando los salarios sean significativamente más bajos que las normas mundiales de remuneración. Así pues, al menos en un principio, el la vida en la ciudad y no son conscientes de su fuerza política potencial, este estado de ignorancia no dura eternamente. Ciertamente, dentro de un plazo de unos veinticinco años los empleados o sus descendientes se ajustan a la realidad de su nueva situación y se vuelven conscientes de los bajos niveles de su remuneración en comparación con las normas internacionales. La reacción es comenzar a participar en actividades sindicales. El empleador redescubre entonces las condiciones de las cuales su empresa buscó escapar mediante la mudanza de sus operaciones de producción. Eventualmente, en un periodo futuro de depresión económica, el productor puede, una vez más, utilizar la táctica de la "fábrica desplazada". Con el tiempo, sin embargo, el número de zonas en las cuales esta solución particular al aumento de los costos de remuneración puede ser implementada en la economía-mundo capitalista se han vuelto escasos. El mundo se ha desruralizado, en buena medida precisamente por este modo de controlar los costos de remuneración mediante el desplazamiento de los procesos productivos. En la segunda mitad del siglo xx, hubo una reducción radical en la proporción de la población mundial que vive en áreas rurales. Y la primera mitad del siglo XXI amenaza con eliminar los espacios rurales restantes de concentraciones rurales. Cuando ya no haya zonas a donde las fábricas puedan desplazarse, ya no habrá modo de reducir de manera significativa los niveles de remuneración de los empleados de todo el mundo. El constante aumento de los niveles de remuneración no es el único problema que se enfrentan los productores. El segundo es el costo de los insumos. Al hablar de insumos incluyo a las maquinarias y a los materiales de producción (ya sea que éstos se denominen materia prima o productos semielaborados o elaborados). El productor los adquiere, por supuesto, en el mercado y paga lo que debe pagar por ellos. Pero hay tres costos ocultos que los productores no necesariamente abonan. Éstos son los costos de la eliminación de residuos (especialmente de materiales tóxicos), los costos de renovación de materia prima, y lo que suelen denominarse costos de infraestructura. Las maneras de evadir el pago de estos costos son múltiples, y el no pago de éstos ha sido una fuente importante para mantener bajo el costo de los insumos. El modo principal de minimizar los costos de eliminación de residuos es el de tirarlos, esto es, el colocar los desechos en algún área pública sin haberlos tratado, o con un tratamiento mínimo. Cuando se trata de materiales tóxicos, el resultado, además de la acumulación, son las consecuencias nocivas para la ecosfera. En algún momento, las consecuencias de la acumulación y los efectos nocivos serán percibidos como un problema social, y la colectividad se verá forzada a enfrentarlos. Pero la acumulación de desechos y los efectos nocivos se comportan un poco como la ausencia de zonas rurales cercanas. Un productor siempre puede reubicarse en un área nueva, eliminando de ese modo el problema, hasta que las nuevas áreas "limpias" se agoten. En términos globales, esto es lo que ha estado teniendo lugar en la economía-mundo capitalista. Es sólo durante la segunda mitad del siglo xx que el agotamiento potencial de los sitios para la acumulación de desechos ha comenzado a percibirse como un problema social. El problema de la renovación de las materias primas es un problema paralelo. El comprador de materias primas no suele estar interesado en su disponibilidad a largo plazo. Y los vendedores están notablemente dispuestos a subordinar la disponibilidad a largo plazo a las ganancias a corto plazo. Luego de quinientos años esto ha culminado en el sucesivo agotamiento e incremento de los costos de obtención de tales recursos. Estas tendencias han sido sólo parcialmente remediadas mediante los avances de la tecnología en la creación de recursos alternativos. Estos dos agotamientos —de espacios para los desperdicios y de recursos naturales— se ha vuelto el tema de grandes movimientos de ambientalistas y verdes en los últimos decenios, quienes han buscado la intervención gubernamental para cubrir necesidades colectivas. Pero el cubrir estas necesidades requiere dinero, una gran cantidad de dinero. ¿Quién va a pagar todo esto? Existen sólo dos posibilidades reales: la colectividad, con los impuestos, y los productores que usan la materia prima. En la medida en que los productores se vean obligados a pagar por ellos —lo que los economistas llaman internalización de costos— los costos de producción de dichos productores se incrementarán. Finalmente, está el tema de la infraestructura, un término que hace referencia a todas las instituciones físicas fuera de la unidad de producción que forman parte necesaria de los procesos de producción y distributivos: rutas, servicios de transporte, redes de comunicación, sistemas de seguridad, suministro de agua. Estos son de alto costo, y son cada vez más elevados. Una vez más, ¿quién paga la cuenta? O bien la colectividad, lo que implica impuestos, o las firmas involucradas, lo que significa incremento de los costos. Debe hacerse notar que en la medida en que la infraestructura es privatizada, la cuenta la pagan las firmas involucradas (incluso cuando otras empresas obtienen ganancias por la operación de la infraestructura, e incluso si los individuos pagan mayores costos para su propio consumo). La presión para internalizar los costos representa, para las empresas productivas un incremento importante en los costos de producción, los cuales, con el tiempo, han superado las ventajas en costos que la tecnología hizo posible. Y esta

internalización de costos omite el creciente problema que estas firmas están teniendo como resultado de las multas impuestas por las cortes y las legislaturas por los daños causados por negligencia. El tercer costo que se ha ido incrementando con el paso del tiempo es el impositivo. Los impuestos son un elemento básico de la organización social. Siempre ha habido y siempre habrá impuestos de uno u otro tenor. Pero quién paga, y cuánto, es tema de una incesante lucha política. En el sistema-mundo moderno, han existido dos razones básicas para la carga impositiva. Una es proveer a las estructuras estatales de los medios para ofrecer servicios de seguridad (ejércitos y policías), construir infraestructura y emplear una burocracia con la cual proveer los servicios públicos y cobrar los impuestos. Estos costos son inevitables, aunque obviamente pueden existir importantes diferencias en los puntos de vista sobre en qué y cómo debe gastarse el dinero. Existe, empero, una segunda razón para los impuestos, más reciente (ha surgido sólo en el último siglo de manera significativa). Esta segunda razón es consecuencia de la democratización política, la que ha concitado demandas de la ciudadanía sobre los estados para que los provean de tres beneficios principales que han pasado a ser entendidos como derechos: educación, salud y la garantía de un ingreso durante la vida del sujeto. Cuando estos beneficios fueron suministrados por primera vez en el siglo XIX, los gastos estatales eran reducidos y sólo existían en unos pocos países. A lo largo del siglo XX, la definición de qué es lo que los estados deben suministrar y el número de estados que lo suministraban de modo constante creció en cada una de estas áreas. Hoy parece virtualmente imposible bajar los gastos a los niveles de la situación previa. Como resultado de los incrementos en los costos (no sólo en términos absolutos sino como una proporción del excedente mundial) de seguridad, construcción de infraestructura y la oferta a la ciudadanía de los beneficios de la educación, la salud y la garantía de por vida del sujeto, la carga impositiva como parte de los costos totales se ha ido incrementando en forma constante para todas las empresas productivas, y continuará haciéndolo. Esto es, los tres costos de producción —remuneración, insumos e impuestos— se han ido incrementando sin pausa a lo largo de los últimos quinientos años y en particular en los últimos cincuenta. Por otro lado, los precios de ventas no han sido capaces de mantener el ritmo, a pesar del incremento efectivo de la demanda, por una expansión constante en el número de productores y por la recurrente incapacidad para mantener condiciones oligopólicas. O sea lo que significa la reducción de las ganancias. Más aún, los productores buscan revertir en forma constante, estas condiciones, y es lo que hoy día intentan llevar a cabo. Para apreciar los límites de la capacidad que tienen de llevarlo a cabo, debemos volver al impacto cultural de 1968. La economía-inundo en los años posteriores a 1945 vio la mayor expansión de las estructuras productivas en la historia del sistema-mundo moderno. Todas las tendencias estructurales a las que hemos hecho referencia — costos de remuneración, costos de insumos, impuesto — se movieron en una abrupta curva ascendente.”

⁶ Da obra “Análisis de Sistemas-Mundo - una introducción”, de Immanuel Wallerstein: “la ciencia social es un término inventado en el siglo XIX. Los términos “ciencia” y “social” necesitan, cada uno, de una explicación. ¿Por qué ciencia? En el siglo XIX, la ciencia era la palabra clave para el logro del progreso, el fin común aceptado del sistema-mundo. Hoy, esto no parece significativo. Pero en esa época representaba, como hemos visto, un cambio básico en el sistema de valores dominantes en el mundo del saber: de la redención cristiana a la ilustración de las ideas del progreso humano. El consiguiente llamado divorcio entre la filosofía y la ciencia, lo que luego se denominaría “dos culturas” llevó al debate epistemológico acerca de cómo sabemos lo que sabemos. En el siglo XIX, en las estructuras de saber (en particular en el recientemente revivido sistema universitario) y en general en el mundo de la cultura, los científicos comenzaron a ganar preeminencia sobre los filósofos y los humanistas.

Los científicos decían que eran ellos y sólo ellos quienes podían acceder a la verdad. Decían que como científicos estaban completamente desinteresados en lo bueno o lo bello, puesto que eran conceptos no verificables empíricamente. Dejaron la búsqueda de lo bueno y lo bello a los humanistas, quien en general estaban prestos a refugiarse allí, adoptando, en términos generales, los versos de Keats: “La belleza es la verdad; la verdad, belleza, eso es todo/ lo que puedes conocer sobre esta tierra y todo lo que necesitas conocer.” En cierto sentido, los humanistas cedieron el control sobre la búsqueda de la verdad a los científicos. Y en todo caso, lo que el concepto de las dos culturas había conseguido, fue la separación radical, por primera vez en la historia de la humanidad, en el mundo del saber, entre la verdad, lo bueno y lo bello.

Mientras los científicos concentraban sus estudios en los fenómenos materiales y los humanistas en el estudio de los trabajos creativos, se tornó evidente que había un área impórtame cuya ubicación en esta división no era clara. Esto era la arena de la acción social. Pero la Revolución francesa había hecho del conocimiento de la arena social una preocupación central de las autoridades públicas. Si el cambio político era normal y el pueblo soberano, importaba en mucho el en-tender cuáles eran las reglas por las cuales la arena social era constituida y cómo operaba. La búsqueda de dicho conocimiento vino a llamarse ciencias sociales. Las ciencias sociales nacieron en el siglo XIX y fueron inmediata e inherentemente unan arena tanto para la confrontación política y para la lucha entre los científicos y los humanistas por apropiarse de esta área para su metodología de saber. Para quienes estaban en la arena pública (los estados y las empresas capitalistas), el control de las ciencias sociales significaba, en cierto sentido la habilidad de controlar el futuro. Y para quienes se ubicaban en las estructuras del saber, tanto los científicos como los humanistas consideraban a este terreno como un anexo importante en su no muy fraternal lucha por el control del poder y por la supremacía intelectual en los sistemas universitarios.

En la segunda mitad del siglo xix y en la primera mitad del xx, como hemos argumentado, seis nombres fueron aceptados como los que se ocupaban de la realidad social: historia, economía, ciencia política, sociología, antropología y orientalismo. La lógica subyacente a estos seis nombres, y por lo tanto la división del trabajo en el estudio de la realidad social derivaba de la situación social global en el siglo xix. Existían tres líneas divisorias. La primera estaba dada entre el estudio del mundo occidental "civilizado" y el estudio del mundo no moderno. La segunda distinción estaba marcada dentro del mundo occidental entre el estudio del pasado y el estudio del presente. Y la tercera tenía lugar entre el presente occidental que la ideología liberal había designado como las tres áreas diferenciadas de la vida social civilizada y moderna: el mercado, el estado y la sociedad civil. En términos epistemológicos, las ciencias sociales colectivamente se ubicaban entre las ciencias naturales y las humanísticas, y se veían por ende tironeadas por la lucha epistemológica entre las dos culturas. Lo que de hecho sucedía era que los tres estudios del presente occidental (economía, ciencias políticas, y sociología) habían sido transferidos en su mayoría al campo científico y considerados como disciplinas nomotéticas. Las otras tres disciplinas—historia, antropología y orientalismo— resistieron el canto de la sirena y tendieron a considerarse disciplinas humanísticas o ideográficas.

Esta clara división del trabajo fue la premisa de cierta estructura del sistema-mundo: un mundo dominado por Occidente, en el que el "resto" era o bien colonias o semicolonias. Cuando esta presunción dejó de ser cierta, esencialmente después de 1945, las líneas fronterizas comenzaron a parecer cada vez menos obvias y menos útiles que lo que habían sido hasta ese momento, y la división del trabajo comenzó a desmoronarse. La historia de lo que sucedió con las ciencias sociales junto con lo que sucedió con las ideologías y los movimientos antisistémicos es la historia del impacto de la revolución mundial de 1968 sobre el sistema-mundo, punto al que arribamos".

⁷ No final dos anos 1970 e nos anos 1980, "la economía-mundo entraba por esta época en una larga fase Kondratieff B, la coalición de fuerzas de centro y derecha intentaban retrotraer los crecientes costos de producción en sus tres componentes. Buscaban reducir los niveles de remuneración. Buscaban reexternalizar los costos de insuflaos. Y buscaban reducir la tasación impositiva para el beneficio del estado de bienestar, educación, salud y garantías de ingresos). Esta ofensiva tomó muchas formas. El centro abandonó el tema del desarrollo (como manera de sobreponerse a la polarización global) y lo reemplazó con el teína de la globalización, la que demandaba, en esencia, la apertura de todas las fronteras para el libre flujo de mercaderías y capital (pero no del trabajo). El régimen de Thatcher en el Reino Unido y el régimen de Reagan en los Estados Unidos asumió el liderazgo en la promoción de estas políticas, que fueron denominadas "neoliberalismo" en la teoría y "el consenso de Washington" como política. El Foro Económico Mundial en Davos fue el lugar de promoción de la teoría y el Fondo Monetario Internacional (FMI) y la recientemente establecida Organización de Mundial de Comercio (OMC) se convirtieron en los principales implementadores del consenso de Washington", in "Análisis de Sistemas-Mundo- una introducción", de Immanuel Wallerstein.

⁸ "El sistema-mundo moderno en el que vivimos, el de una economía-mundo capitalista, se encuentra precisamente en una crisis semejante, y lo ha estado durante ya un tiempo. Esta crisis puede continuar por unos veinticinco a cincuenta años más. Puesto que una de las características centrales de tales periodos de transición es que nos enfrentamos a bruscas oscilaciones de todas las estructuras y procesos que hemos conocido como parte inherente del sistema-mundo existente, nos encontramos con que nuestras expectativas a corto plazo son necesariamente inestables. Esta inestabilidad puede generar una ansiedad considerable y por lo tanto violencia en lo que las personas intentan preservar los privilegios adquiridos y el rango jerárquico en una situación muy inestable. En general, este proceso puede llevar a conflictos sociales que pueden tomar una forma bastante desagradable. ¿Cuándo comenzó esta crisis? La génesis de un fenómeno es siempre el asunto más debatible en el discurso científico. Uno siempre puede encontrar antecedentes y preanuncios a casi todo en el pasado inmediato, pero también en el pasado lejano. Un posible momento en el que comenzar la historia de la crisis sistémica contemporánea es la revolución mundial de 1968, la que sacudió considerablemente las estructuras del sistema-mundo. Esta revolución mundial marcó el fin de un largo periodo de supremacía liberal, desarticulando por lo tanto la geocultura que había mantenido las instituciones políticas del sistema-mundo intactas. Y el dislocar esta geocultura sacó de quicio los basamentos de la economía-mundo capitalista y la expuso a la fuerza de los impactos políticos y culturales a los cuales siempre había estado sujeta, pero contra los cuales había estado previamente, protegida en parte." in "Análisis de Sistemas-Mundo- una introducción", de Immanuel Wallerstein

⁹ Um exemplo é o artigo de Paul Krugman, "Bubble, Bubble, Conceptual Trouble", New York Times, 2012, in <http://krugman.blogs.nytimes.com/2012/10/20/bubble-bubble-conceptual-trouble/>

¹⁰ Immanuel Wallerstein refere-se ao artigo "Stop coddling the super-rich", de Warren Buffett, publicado a 15 de Agosto de 2011: <http://www.nytimes.com/2011/08/15/opinion/stop-coddling-the-super-rich.html>

¹¹ "Efeito borboleta é um termo que se refere à dependência sensível às condições iniciais dentro da teoria do caos. Este efeito foi analisado pela primeira vez em 1963 por Edward Lorenz. Segundo a cultura popular, a teoria apresentada, o bater de asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez

provocar un tufão do outro lado do mundo.”, in Wikipédia

¹² Por exemplo, ver artigo “*Hegemony Unravelling- II*”, de Giovanni Arrighi, in <http://ces.univ-paris1.fr/membre/seminaire/heterodoxies/Pdf/Arrighi2.pdf> Giovanni Arrighi (1937- 2009), formado como economista em Milão, investigou os processos de formação do mercado do trabalho e no desenvolvimento económico na África setentrional e na Europa setentrional, nas origens e transformações do sistema capitalista mundial e na estratificação da economia global, teorizando sobre os ciclos sistémicos de acumulação. A sua obra “O longo século XX” recebeu o prémio “Distinguished Scholarship” da American Sociological Association em 1995.

¹³ Por exemplo, no artigo “*New Revolts against the system*”, de Immanuel Wallerstein, publicado em Novembro-Dezembro de 2002: <http://newleftreview.org/II/18/immanuel-wallerstein-new-revolts-against-the-system>

¹⁴ “Críticas al análisis de sistema-mundo:

Esta sección incluye sólo aquellos autores que han criticado específicamente, por sus diferentes falencias, al análisis de sistema-mundo. La mayoría de estas críticas han aparecido en artículos más que en libros.

La crítica más temprana, y una de las más famosas, fue la de Robert Brenner: “The Origins of Capitalist Development: A Critique of Neo-Suiithian Marxism”, *NewLeftRnnetu* 1/104 (julio-agosto de 1977): 25-92. Fue dirigida a Paul Sweezy, André Gunder Frank y a mí y renovó la ortodoxia productivista, centrada en Inglaterra en el marxismo de Maurice Dobb. Al poco tiempo, aparecieron dos artículos críticos de *The Modern World-System* (vol. 1) por la escuela “estatal-autonomista”: Theda Skocpol, “Wallerstein’s World Capitalist System: A Theoretical and Historical Critique”, *American Journal of Sociology* 82, núm. 5 (marzo de 1977): 1075-1090; y Aristide Zolberg, “Origins of the Modcm World-System: A Missing Link”, *World Politics* 33, núm. 2 (enero de 1981): 253-281. Tanto Skocpol como Zolberg reconocieron su deuda con las posturas de Otto Hintze. Las críticas culturalistas han sido continuas. La primera y más completa es la de Stanley Aronowitz, “A Metatheoretical Critique of Immanuel Wallerstein’s *The Modern World-System*”, *Theory and Society* 10 (1981): 503-20.

No exactamente igual es la crítica de algunos académicos del Tercer Mundo, quienes sostienen que el análisis de sistema-mundo no se ha desembarazado del eurocentrismo. Véase Enrique Dussel, “Ileyond Eurocentrism: The World System and the Limits of Modernity”, en F. Jameson y M.Miyoshi, eds., *The Cultures of Globalization* (Duke University Press, 1998), 3-37. Mientras que la crítica de los positivistas empedernidos ha sido severa, nunca han considerado que valiera la pena el realizar una crítica sistemática del análisis de sistemas-mundo”, in “Análisis de Sistemas-Mundo - una introducción”, de Immanuel Wallerstein

¹⁵ Debate entre Maurice Dobb e Paul Sweezy sobre a transição do feudalismo para o capitalismo, melhor ilustrado nas obras de Dobb “*Studies in the Development of Capitalism*” e nos contributos de Sweezy e Dobb para “*The Transition from Feudalism to Capitalism*” (1950).

¹⁶ “Por otro lado, tres poderes han alcanzado la hegemonía, aunque sólo por periodos relativamente breves. El primero fueron las Provincias Unidas (lo que hoy conocemos como los Países Bajos), a mediados del siglo XVII. El segundo fue el Reino Unido a mediados del siglo XIX, y el tercero fueron los Estados Unidos a mediados del siglo XX. Lo que nos permite denominarlos hegemónicos es que por un periodo determinado fueron capaces de establecer las reglas del juego en el sistema interestatal, en dominar la economía-mundo (en producción, comercio y finanzas), en obtener sus objetivos políticos con un uso mínimo de la fuerza militar (de la cual contaban en abundancia), y en formular el lenguaje cultural mediante el cual se discutía el mundo. (...)La hegemonía, a fin de cuentas, puede ser muy útil a las empresas capitalistas, en particular si dichas empresas están vinculadas políticamente con el poder hegemónico. La hegemonía tiene lugar, por lo común a la sombra de largos periodos de deterioro relativo del orden mundial al estilo de “guerra de los treinta años”: guerras, esto es, que involucraron a todos los principales sitios económicos del sistema-mundo y que han enfrentado históricamente a una alianza en torno del constructor putativo del imperio-mundo contra una alianza constituida en torno del poder hegemónico putativo. La hegemonía crea un tipo de estabilidad dentro del cual las empresas capitalistas, especialmente las industrias de punta monopólicas, florecen. La hegemonía es popular entre los ciudadanos comunes porque parece garantizar no sólo el mero orden sino también un futuro próspero para todos.

¿Por qué no entonces una hegemonía permanente? Como con los cuasimonopolios en la producción, el poder cuasiabsoluto en las hegemonías se autodestruye. Para convertirse en poder hegemónico es vitalmente importante concentrar la eficiencia productiva que es el sustento del papel hegemónico. Para mantener la hegemonía, el poder hegemónico debe desviarse en funciones políticas y militares, lo cual es no sólo caro sino también abrasivo. Tarde o temprano, en general temprano, los otros estados

comienzan a mejorar su eficiencia económica a punto tal que la superioridad del poder hegemónico es disminuida considerablemente, y eventualmente desaparece. Con ella desaparece la influencia política. Y ahora se ve entonces forzada a utilizar la fuerza militar, no sólo a amenazar con hacerlo, y su uso del poder militar no sólo es su primer signo de debilidad sino también la fuente de la declinación futura. El uso de una fuerza “imperial” socava el poder económico económica y políticamente, y es generalmente percibido como un signo de debilidad, no de fuerza, externa e internamente. Lejos de definir el lenguaje cultural mundial, un poder hegemónico en decadencia encuentra que su

vocabulario preferido no está al día y no es aceptado en forma instantánea.

Cuando el poder hegemónico declina, siempre hay otros que intentan remplazado. Pero semejantes reemplazos llevan mucho tiempo y producen, en última instancia otra "guerra de los treinta años". Por ello la hegemonía es crucial, repetida y siempre relativamente breve. La economía del mundo capitalista necesita de los estados, necesita del sistema interestatal y necesita de la aparición periódica de poderes hegemónicos. Pero la prioridad de los capitalistas no es nunca el mantenimiento, y mucho menos la glorificación de ninguna de estas estructuras. La prioridad es siempre la acumulación incesante de capital, y ésta se logra de la mejor manera con un siempre cambiante cuadro de dominios políticos y culturales dentro del que las empresas capitalistas puedan maniobrar, obteniendo su apoyo de los estados pero buscando escapar a su tutela", in "Análisis de Sistemas-Mundo - una introducción", de Immanuel Wallerstein.

¹⁷ Immanuel Wallerstein referia-se ao artigo "*Giants, but not hegemons*", de Zbigniew Brzezinski, publicado a 14 de Fevereiro de 2013 no New York Times: http://www.nytimes.com/2013/02/14/opinion/giants-but-not-hegemons.html?_r=0

¹⁸ Crescimento zero é uma teoria que defende um estado de equilíbrio de todas as políticas e actividades económicas, contestando o crescimento económico e o da população. Os seus promotores ficaram conhecidos no início dos anos 1970 como o Clube de Roma e o seu trabalho inclui obras como "*The Limits to Growth*" (1972), de Donella H. Meadows, Dennis L. Meadows, Jørgen Randers e William W. Behrens III. Esta teoria é diferente da proposta do decrescimento, defendida por académicos como Serge Latouche.

¹⁹ Rafael Correa ganhou as eleições presidenciais no Equador (pela segunda vez consecutiva) , no dia seguinte ao Seminário. Um artigo sobre o assunto pode ser encontrado em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-latin-america-21492470>

²⁰ Por exemplo, no artigo "*What can save the euro?*", de Joseph Stiglitz, 2011, em: <http://www.project-syndicate.org/commentary/what-can-save-the-euro->